

A MISSIO DEI COMO UMA ABORDAGEM NEOPARADIGMÁTICA DA MISSÃO

Felgas Teófilo Lucas

Mestrando em Missiologia no Seminário Teológico Baptista no Huambo, Angola, África.
ORCID ID - 0000-0002-3688-7980.

A MISSIO DEI COMO UMA ABORDAGEM NEOPARADIGMÁTICA DA MISSÃO

Resumo

O presente artigo tem por finalidade conceituar, reflectir e analisar a realidade missionária, na tentativa de compreender sua natureza, propósito e também o seu lugar na Igreja. Perceber em que medida o colapso colonial, a globalização e a pós-modernidade mergulharam a atividade missionária numa crise. Partindo do pressuposto de que o pecado destruiu ou descaracterizou parte da criação, a missão de Deus no mundo vem a ser o antídoto para o processo de restauração. Neste caso, a missão percorre um caminho desafiador, na busca de uma prática missionária bíblica e contextualizada, e assim cooperar com Deus no cumprimento dos seus propósitos eternos.

Palavras-Chave: Missio Dei. Igreja. Crise. Propósito.

Abstract

The following article aims to conceptualize, reflect, and analyze the missionary reality in an attempt to comprehend its nature, purpose, and also its place in the Church. It aims to understand to what extent the colonial collapse, globalization, and postmodernity plunged the missionary work into a crisis. Assuming that sin destroyed and partially deprived creation of its characteristics, God's mission in the world becomes the antidote to the restoration process. In that case, the mission goes through a challenging path in the pursuit of a biblical and contextualized missionary practice, thus cooperating with God in the fulfilment of His eternal purposes.

Keywords: Missio Dei. Church. Crisis. Purpose.

Introdução

Conceito de Missão

Na compreensão geral que temos a partir dos dicionários da língua portuguesa, missão é um encargo, uma incumbência, um propósito, um compromisso, um dever e até mesmo uma obrigação a executar. No período da colonização, a missão era entendida como o deslocamento das potências ocidentais às colônias, especialmente do Oriente, da África e da Ásia. O principal objectivo era “cristianizar” e civilizar. Neste caso, a superioridade militar e econômica do ocidente traduziu-se em superioridade cultural.

Os povos “descobertos”, foram categorizados como inferiores, por isso deveriam ser civilizados à moda do ocidente. Nesta visão, a expedição político-militar e o cristianismo caminhavam ombro a ombro. Bosch afirma que “os críticos da missão geralmente partem da suposição de que missão era apenas o que os missionários ocidentais estavam fazendo em termos de salvar almas, implantar igrejas e impor seus métodos e vontades a outros”.^[1]

Neste quesito, expandir igrejas locais ou uma denominação específica, viajar para outros países e culturas, vem a ser a condição *sine qua non* de qualquer empenho missionário e o teste e critério final do que seja verdadeiramente missionário. Essa concepção confunde o princípio e o alcance da missão. Os desdobramentos teológicos, neste período pré-Barthiano, conceituaram de modo decisivo a missão. Foi assim, que a missão foi sujeita a várias categorias. A soteriológica, em que passou a ser entendida, unicamente, em termos de salvação do indivíduo da condenação eterna. A primeira pregação do evangelho a pessoas pagãs ou neopagãs. Neste sentido, a missão é definida em termos dos seus destinatários, propondo que seja cumprida assim que o evangelho é apresentado a um grupo de pessoas.

[1] BOSCH, David. **Missão Transformadora**. Mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: EST/Sinodal. 2002, p. 618.

Segundo Chris Wright, a palavra missão é de raiz Latina (*missione*), e traz a noção de enviar ou ser enviado.[2] Missão constitui a parte central da teologia cristã. Biblicamente falando, quer no Velho ou no Novo Testamento, como o movimento missionário observado no livro de Atos, vemos Deus chamando e enviando personalidades nos vários momentos e estágios da comunidade judaico-cristã. Portanto, definir a missão correctamente exige a compreensão da sua natureza.

Natureza da Missão

As conferências missionárias têm desempenhado um papel extremamente vital na evolução e revolução do pensamento missionário. Mudanças foram ocorrendo, tanto na teologia bíblica como na teologia sistemática, levando os missiólogos à reflexões e tratados em conferências com o intuito de trazer à superfície uma compreensão teológica e bíblica da missão.

Karl Barth, na conferência missionária de Brandeburgo, foi o primeiro teólogo a articular a missão como atividade de Deus. O desenvolvimento desta nova compreensão da missão levou a confessar que só através de um acto criativo de Deus seu Reino será consumado, no estabelecimento final de um novo céu e uma nova terra.[3]

A missão é o que caracteriza a nossa fé como Igreja de Cristo. De outro modo seria negar sua própria razão de ser. Pois a fé cristã vê todas as gerações da terra como objeto da vontade salvífica e do plano da salvação de Deus. Nos termos do Novo Testamento, o Reinado de Deus veio em Jesus Cristo como destinado a toda a humanidade. Assim, a missão é entendida em termos de relacionamento dinâmico entre Deus e o mundo. Bosch afirma que

[2] WRIGHT, Christopher J. H. **A missão do povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da Igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 29.

[3] BOSCH, 2002, p. 466-467.

"Nossa prática missionária não é realizada em comunidade inadequada com o testemunho bíblico; ela é um empreendimento inteiramente ambivalente executado no contexto da atenção entre a providência divina e confusão humana. O envolvimento da igreja na missão permanecem um ato de fé sem garantias terrenas."[4]

Neste contexto, o existir cristão é um existir missionário. Não pela proclamação universal do Evangelho, mas através da universalidade do evangelho que ela proclama. Assim sendo, a natureza da missão está baseada no próprio evangelho, na universalidade da salvação e na indivisibilidade do Reino de Deus.

A Missão como *missio Dei*

Karl Barth foi um dos maiores expoentes no desenvolvimento de um novo paradigma teológico no pensamento missionário. A partir de 1952, foi ampliado o conceito clássico da *missio Dei*, que antes implicava dizer que Deus, o Pai, envia o Filho, e Deus, o Pai e o Filho, enviam o Espírito; por fim o Pai, o Filho e o Espírito Santo, enviam a igreja para dentro do mundo. Missão também passa a ser entendida como derivada da própria natureza de Deus e colocada no contexto da Trindade. Bosch destaca algumas ideias fundamentais na concepção da *missio Dei*[5]:

- A missão tem o caráter escatológico (estabelecimento da consumação do Reino de Deus), que culmina com um novo céu e uma nova terra.
- A missão não tem vida própria. Toda iniciativa criativa e missionária provém somente do próprio Deus. Sem essa mão de Deus a missão não pode ser considerada verdadeiramente missão.
- A missão é um movimento de Deus em direção ao mundo. Implica dizer que não é a igreja que cumpre a missão de salvar o mundo. A missão é do Filho e do Espírito Santo mediante o Pai que inclui a igreja. Neste sentido, atividade missionária é a manifestação ou epifania do plano Divino e seu cumprimento no mundo e a sua história.

[4] Ibid., p. 27.

[5] Ibid., p. 467-469.

- Missão é o princípio fundamental, e missões é acto derivativo que constitui consequências da *missio Dei*.
- Missão é o voltar-se de Deus para o mundo em relação à criação, conservação, redenção e consumação. Quer dizer, é a preocupação de Deus com o mundo inteiro, constituindo deste modo o escopo da *missio Dei*.

“Nossa missão procede da missão de Deus. Esta é para o homem de todo o seu mundo, na verdade, de toda a sua criação. Portanto, temos de começar enxergando a nós mesmos como parte do grandioso curso da missão de Deus e devemos ter a certeza de que nossos alvos missionais, imediatos e distantes, sejam consonantes com os alvos de Deus. Para este fim, precisamos conhecer a história de que fazemos parte: a grandiosa história da Bíblia, que engloba tanto o passado como o futuro.”[6]

A *missio Dei* em sua natureza é a atividade de Deus, a qual abarca tanto a igreja quanto o mundo e na qual a igreja tem o privilégio de poder participar.

A Missão em sua relação com a Igreja

A *missio Dei* institui as missões, as *missiones ecclesiae*. Por essa razão, ao referir-se a missão, a igreja de maneira nenhuma pode ser ignorada. Assim como a igreja não pode ser considerada como ponto de partida ou o alvo da missão, pois a obra de Deus precede tanto a igreja quanto a missão. Portanto, Bosch destaca alguns aspectos importantes no que concerne à igreja na sua relação com a missão[7]:

- Não é legítimo falar da igreja, sem ao mesmo tempo falar da missão. Elas constituem uma unidade indissolúvel.
- A base doméstica está em toda parte. Cada comunidade cristã encontra-se em uma situação missionária.

[6] WRIGHT, 2012, p. 33.

[7] BOSCH, 2002, p. 444-447.

Portanto, a igreja deve apresentar-se como o mistério da presença de Deus no mundo. Sinal e instrumento da comunhão com Deus e de unidade entre as pessoas. A igreja deve apresentar-se humilde como uma comunidade que existe para servir.

Missão Hoje: a crise contemporânea e seus desdobramentos

Vivemos numa luta constante em duas dimensões: o relacionar-se com Deus e entender o seu propósito para nossas vidas e nosso posicionamento/postura com a cultura a que pertencemos. Por outro lado, o século presente assinala na história da humanidade um período de transição caracterizada por grandes mudanças sociopolíticas e culturais, tanto na esfera global como na localizada. Como consequência, observamos o esgotamento de modelos que foram referência e determinaram as formas de pensar e fazer.

A crise contemporânea

A crise, como tal, é uma mudança ou uma alteração importante no desenvolvimento de qualquer evento ou acontecimento. Tem origem no vocábulo latino *crisis*, que significa um momento de decisão, de mudança súbita. E no grego “*krísis*” é usado, especialmente no contexto da medicina, para designar o momento na evolução de uma doença em que ela se define entre o agravamento e a morte ou a cura e a vida.[8]

Analzira identifica dois tipos de crise mais básicas: a crise de crescimento que tem a ver com a insatisfação em relação aos métodos e conceitos, e a segunda é a crise de degenerescência, que envolve todo paradigma.[9] Neste contexto, os modelos já não conseguem responder aos novos problemas que vão se emergindo. Um sentimento de infuncionalidade, inadequação, descompasso e anseio por respostas vai se instalando.

[8] <https://portal.uab.pt/o-que-e-a-crise/>.

[9] NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou Colonização?** O risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Editora Ultimato, 2015, p. 17-18.

O mais grave de tudo é que muitos de nós nem sempre temos consciência da crise em que estamos mergulhados nos nossos dias. Não tendo essa consciência, dificilmente podemos pensar em mudanças ou em novos paradigmas. Todavia, a luta é manter os paradigmas herdados. Os sinais da crise são visíveis. O aumento irreversível da insatisfação vai enfraquecendo gradualmente o percurso histórico da missão e da igreja.

Causas da crise, consequências e novas possibilidades

Não é de admirar que a missão cristã, desde a sua gênese, sempre atravessou inúmeras crises, incompreensões, críticas e perseguições, tanto internas quanto externas. A missão como tal é considerada uma expressão da fé cristã. Segundo Bosch[10], é absolutamente normal o sistema vivenciar momentos e situações de crise. Essas circunstâncias, por si só, tornam necessárias a reflexão sobre a missão como um ponto permanente na pauta da teologia.

Percebe-se, de modo consciente ou inconsciente, que a igreja está continuamente em uma situação de crise. Sua maior insuficiência é o fato de ela só estar consciente disso ocasionalmente. A causa da tensão permanente reside na sua natureza essencial e sua condição empírica. No período contemporâneo, a crise da missão está relacionada com o avanço da ciência e da tecnologia e, junto com elas, a secularização tornando redundante a fé em Deus. O esfriamento da fé, a descristianização do ocidente, as migrações, o pluralismo religioso, o abismo cada vez maior entre ricos e pobres e a irrelevância da teologia ocidental, que em muitas regiões está sendo substituída por outras teologias. Bosch afirma que

“...cada uma delas constitui um fim de um mundo e o nascimento de outro, no qual boa parte do que as pessoas costumavam pensar e fazer teve de ser redefinida. Essas mudanças anteriores também serão reconstituídas com algum detalhe, na medida em que tiveram uma relação significativa com o pensamento e a prática missionárias.”[11]

[10] BOSCH, 2002, p. 18.

[11] *Ibid.*, p. 21.

A ambiguidade dos motivos e metas

Numa clara abordagem histórica, nota-se que a reflexão sobre os motivos missionários e a meta da missão foram muitas vezes ambíguos. Analzira diz que

“Muitas vezes, motivados pela obsessão de cumprir programas, certos missionários não pensam na população com a qual eles vão conviver. Praticamente essas pessoas só representam estatísticas para esses enviados. Eles estão lá daquele lado vivendo para as demandas daqui deste lado.”[12]

David Bosch comentando sobre a ambiguidade das abordagens, aponta quatro motivos “impuros” para a missão, citados por Verkuyl: (1) O motivo imperialista cujo objetivo principal da missão é tornar os povos “nativos” sujeitos dóceis perante as autoridades coloniais. (2) O motivo cultural, onde a cultura do missionário é vista como superior a do autóctone. Logo, a missão passa a ser caracterizada como uma transferência de cultura superior. (3) O motivo romântico: o desejo de ir a países e povos distantes e exóticos, e o (4) motivo do colonialismo eclesiástico, que é o anseio de exportar nossa própria confissão e ordem eclesiástica para outras regiões, com o intuito de plantar igrejas.[13]

A globalização e a pós-modernidade

A pós-modernidade se tornou também um grande desafio que afeta a missão de uma forma certa. A igreja aos poucos vai se distanciando da cosmovisão cristã abraçando essencialmente o espírito da época e a cosmovisão secularista. Durante muitos séculos a igreja na verdade ocupou um lugar de destaque no mundo ocidental. Hoje a situação mudou bastante. A pós-modernidade constitui uma outra forma de viver, de ser e estar, e, como consequência, a missão e a igreja entraram numa situação embaraçosa. Keller comenta que

[12] NASCIMENTO, 2015, p. 106.

[13] BOSCH, 2002, p. 21-22.

“Temos hoje um sem-fim de obras que explicam aos líderes da igreja que eles vivem em uma cultura pós-moderna. O perigo desse termo é que ele nos tranquiliza... Estritamente falando, porém, é mais adequado afirmar que vivemos em um clima de modernidade tardia, uma vez que o princípio básico da modernidade era a autonomia e a liberdade individual em detrimento das pretensões da tradição, da religião, da família, e da comunidade. Isso é, na verdade, o que vivemos hoje - de modo intensificado.”[14]

Consequências da crise

Os motivos e metas ambíguos, o colapso do colonialismo, os problemas sociais e econômicos, bem como a globalização e a pós-modernidade, produziram consequências com que a missão tem se debatido. Algumas destas consequências são:

- A igreja ocidental perdeu a hegemonia de ser uma força no centro da cultura e o Cristianismo deu passos de deslocamento para as margens (periferias), no cantinho, cuja preocupação única era cuidar das pessoas que vão para o céu.
- A super ênfase em manifestações de conversão e compromissos pessoais reduziu o Reinado de Deus a considerar somente o total de almas salvas.
- O motivo romântico e do *plantatio ecclesiae* acarretou uma prática missionária insatisfatória.
- O foco pelas metas e alvos reduziu o sucesso missionário a estatísticas, tornando o autóctone um simples depósito de verdade pregada e dos valores do ocidente. Muitas igrejas plantadas nos campos da missão tornaram-se réplicas das igrejas e culturas ocidentais.
- Segundo Analzira, “se a igreja aprendeu com a história, ela sabe que precisa estar atenta aos sinais dos tempos e sensível em suas interações com o “OUTRO”, buscando uma relação firmada na dialogicidade”.[15]
- A globalização neoliberal, como é característico, produz graves fissuras no tecido social e religioso. Consiste na queda de fronteiras, acúmulo de riquezas e graves injustiças do mercado.

[14] KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**. São Paulo: Vida Nova, 2015, p. 447.

[15] NASCIMENTO, 2015, p. 142.

- A modernidade produziu o cativo cultural da igreja. Com o excesso de informação, ela não consegue ter um posicionamento bíblico contextualizado - ser fiel às Escrituras e também conseguir ser relevante para o seu tempo.
- O consumismo da sociedade, conduziu à perda extrema do significado. Segundo Keller, “a modernidade substitui a missão pela autorrealização do indivíduo expressivo e autônomo, e é esse individualismo que precisa ser desafiado e confrontado... A igreja também tem de desmascarar a autonomia da razão humana.”[16]
- O espírito Iluminista e filosófico de Descartes acreditava em um novo mundo com novas ideias. Ofereceu uma nova narrativa, *conhecimento é poder*, para a construção de um mundo melhor. O evangelho não é acessível a comprovação por meio do método científico, e portanto, deve ser descartado. Foi uma ilusão e o conhecimento científico não levou o mundo para o melhor.

Novas possibilidades

É necessária atitude para contornar a crise. Ela não pode ser vista como o fim da oportunidade. A crise é o ponto em que o perigo e a oportunidade se encontram. Na crise o futuro é incerto e os acontecimentos podem tomar qualquer uma das direções.

Analzira diz que o aspecto positivo da crise reside no efeito cumulativo que pode nos surpreender a cada momento, mas também nos impele a admitir que estamos ultrapassados e nos impulsiona a estar abertos para o novo, reconhecendo que chegou a hora de renovar os instrumentos. Por outro lado, oferece-nos possibilidades de confrontação, viabiliza novas escolhas e tornam-se necessárias para que o novo possa emergir[17].

[16] KELLER, 205, p. 306.

[17] NASCIMENTO, 2015, p. 18.

Portanto, a consciência dos perigos não pode nos levar a um estado de paralisia. A presença dos perigos e da oportunidade deve nos conduzir a um pleno cumprimento da missão, dentro desse campo de tensão protagonizado pelos dois extremos. Segundo Keller, a igreja em missão deve ser previamente preparada teologicamente, a fim de ter a capacidade de pensar e agir de modo caracteristicamente cristão.[18]

A igreja deve libertar-se do cativeiro cultural, especialmente do ocidentalismo. Avaliar a cosmovisão social moderna com as suas raízes no Iluminismo. Arrepende-se da cumplicidade nessa cosmovisão e retornar à história bíblica que lhe confere sua verdadeira identidade e papel. Buscar a glória de Deus e o seu amor que podem mover a nossa vida na direção do outro, como motivo e meta da missão.

Missão: implicações e finalidade

As pessoas vivem uma série de relações integradas cuja dimensão espiritual, material e social são inseparáveis. No entanto, a necessidade de distinguir missão e missões é de extrema importância. Se por um lado, missão é o mover de Deus no mundo, com a finalidade de restaurar a criação, missões, por sua vez, designa as formas particulares relacionadas com tempo, lugares ou necessidades específicas de participação na *missio Dei*.

A evangelização e a missão

A evangelização é uma das dimensões importantes da missão. Segundo Bosch, evangelizar é

“...proclamar a salvação em Cristo às pessoas que não creem nele, chamando-as ao arrependimento e a conversão, anunciando o perdão do pecado e convidando-as a se tornarem membros vivos da comunidade terrena de Cristo e começar uma vida de serviço aos outros no poder do Espírito Santo”.[19]

[18] KELLER, 2015, p. 307.

[19] BOSCH, 2022, p. 28.

Um aspecto importante a ser evitado na evangelização é não ir aos extremos (secularista, separatista ou movimentos sociais). A igreja é uma sociedade alternativa. Por essa razão, a evangelização vem a ser uma expressão de oposição e conflito ao espírito da época, ao “deus deste século”, conforme afirma Paulo, apóstolo, em 2 Coríntios 4.4.

A Igreja em missão

A igreja vive em uma tensão criativa de ser chamada para fora do mundo e, ao mesmo tempo, ser enviada ao mundo. Ela é desafiada a ser um fragmento do Reinado de Deus na terra, tendo as primícias do Espírito (Romanos 8:23), como penhor do que há de vir (2 Coríntios 1:22). Ela é uma igreja em missão. A participação no trabalho de Deus é um imperativo vital e existencial do Povo de Deus, pois não podemos decidir se queremos ou não fazer missão. Só podemos decidir se queremos ser igreja.

Estamos vivendo momentos apocalípticos em nossos dias. O sim de Deus a este mundo contemporâneo revela-se em grande medida no engajamento missionário da igreja no tocante a injustiça, desigualdades, discriminação, violência e outros. A igreja em missão não pode ficar indiferente a essa realidade, mas deve expressar sua solidariedade na promoção da justiça, paz, saúde e a dignidade humana. A liberdade e integridade na sociedade são claras afirmações e convicção da continuidade do Reinado de Deus.

A igreja, para vencer a individualidade do Iluminismo, precisa definir pecado, missão e salvação numa perspectiva coletiva e comunal. Compreendendo a *missio Dei*, somos então convocados a organizar cuidadosamente tanto a nossa teologia quanto a nossa prática missionária. Se Deus já está em missão, então a igreja deve buscar total sintonia com Ele e se envolver com o que Ele está fazendo, e não só consumir seu tempo criando métodos para atrair as pessoas para os seus cultos. A igreja deve estar sensível ao que Deus quer fazer no mundo e então se engajar no Seu projeto.

A finalidade da missão

As afirmações já referenciadas nos conduzem ao raciocínio de que tudo o que um cristão diz e faz deve ser considerado acto missionário, numa participação consciente na missão de Deus, no mundo de Deus. Neste contexto, nos enxergamos a nós mesmos como parte do grande curso da missão de Deus. Precisamos ter absoluta certeza de que os alvos de Deus sejam concomitantemente os nossos alvos, sem nos perdermos com os planejamentos estratégicos.

O mundo é o teatro da atividade divina. O amor e a atenção de Deus dirigem-se ao mundo. A missão é participação na existência de Deus no mundo. Como diz Wright, “logo quando falo em missão, estou pensando em tudo o que Deus está fazendo em seu grande propósito para toda a criação e em tudo o que Ele nos chama a fazer para cooperar com Ele nesse propósito”.^[20]

Finalmente, Deus está activo no mundo, realizando a missão, ou melhor, trabalhando para redimir toda a Sua criação, e a igreja precisa se juntar a ele, participando desta missão.

Considerações finais

Missão é o assunto que permeia toda a Bíblia, do Gênesis ao Apocalipse. Em todas as páginas das Escrituras podemos ver a história da redenção de Deus, que sempre está buscando a reaproximação com o homem e trabalhando para redimir toda a sua criação, e não somente a humanidade. O sangue de Jesus Cristo derramado na Cruz do Calvário foi o meio para reconciliar toda a criação. E toda a criação aguarda a sua redenção, conforme afirma o apóstolo Paulo em Romanos 8.19-23.

[20] WRIGHT, 2012, p. 32.

Portanto, se a missão pode ser entendida como tudo o que Deus quer fazer para cumprir os Seus propósitos com a Sua criação, como filhos de Deus só nos resta um envolvimento comprometido com este projeto. Em nossa teologia bíblica acerca do propósito de Deus para a criação, como cristãos, podemos dar uma resposta missional adotando posturas mais ecológicas e sustentáveis. Podemos estar na vanguarda do cuidado para com a criação, numa perfeita conjugação das duas dimensões: a dimensão criadora e a dimensão redentora.

Referências

BOSCH, David J. **Missão Transformadora**: mudanças de paradigma na teologia da missão. São Leopoldo: Sinodal, 2002.

NASCIMENTO, Analzira. **Evangelização ou Colonização?** o risco de fazer missão sem se importar com o outro. Viçosa: Editora Ultimato, 2015.

KELLER, Timothy. **Igreja Centrada**. São Paulo: Vida Nova, 2015.

WRIGHT, Christopher J.H. **A Missão do Povo de Deus**: uma teologia bíblica da missão da igreja. São Paulo: Vida Nova, 2012.

Texto recebido em 04.01.2023 e aprovado em 25.01.2023